

CARURU DE SAMBA: TRADIÇÃO AFRO-BRASILEIRA, RITUAL E CELEBRAÇÃO FESTIVA

Cleidiana Ramos

INTRODUÇÃO

O Centro Preto Velho, assim como outras comunidades semelhantes da região, fica situado em uma área rural. Mesmo as comunidades religiosas sediadas em área urbana se encontram longe do centro da cidade. A localização desses espaços é uma pista de como se dá a relação de distanciamento da maioria da população com as atividades desses centros de prática religiosa de base afro-indígena. Adotei o uso do termo “afro-indígena” por causa do culto nesses espaços, que ocorrem em homenagem a orixás do candomblé, santos católicos, mas com forte influência do culto aos caboclos, sobretudo os chamados “de pena”, como Jurema, Gentil, Sultão das Matas, entre outros. Além disso, a região preserva, especialmente nas denominações dos municípios, as expressões em língua tupi, como Itaberaba, Itatim,

Mucugê, Iramaia, Andaraí, e outras. Iaçú¹, por exemplo, em tradução livre, significa Água Grande.

As conexões com Cachoeira têm origem em questões de base histórica e geográfica especialmente pela ligação a partir do Rio Paraguaçu, manancial que é considerado fundamental na integração baiana entre três regiões: o Cerrado, na parte mais alta da Chapada Diamantina; a Caatinga, zona em que o município de Iaçú está localizado; e a Mata Atlântica, no caminho para que este chegue em sua foz em Barra do Paraguaçu, no município de Salinas das Margaridas. Com a construção da BR-242, que liga Salvador a Brasília, o trânsito a partir dessa região para a capital baiana se tornou mais fácil. Dessa forma, Salvador passou a ser o local de deslocamento em busca de serviços, sobretudo os que são da área de saúde.

Embora, vez ou outra, as lideranças religiosas nessas práticas chamadas mais frequentemente de “curador” e “curandeira” se autodefinam como “de umbanda” ou “de candomblé” assumem que a adesão a uma dessas categorias depende da circunstância e da providência que se é necessária diante do caso de quem procura ajuda. Em entrevistas com três desses especialistas² religiosos, ouvi que cada caso demanda um tratamento específico, um que pode ser no campo da umbanda, outro ao candomblé e, às vezes, em nenhum destes, ficando por conta da intervenção e demandas de determinado encantado³.

1 O governo da Bahia, em 2007, passou a utilizar a classificação “Territórios de Identidade” para categorizar a diversidade cultural presente no território baiano. Iaçú passou a integrar o território denominado Piemonte do Paraguaçu formado por mais 13 municípios: Ruy Barbosa, Itaberaba, Rafael Jambeiro, Ibiquera, Boa Vista do Tupim, Santa Terezinha, Itatim, Lajedinho, Macajuba, Piritiba, Mundo Novo, Tapiramutá e Miguel Calmon. Limita-se com os territórios Vale do Jequiriçá, Piemonte da Diamantina, Bacia do Jacuípe, Chapada Diamantina, Portal do Sertão e Recôncavo. Com o Paraguaçu como principal bacia hidrográfica, o território está na área da Serra do Orobó e do Parque Estadual de Sete Passagens.

2 Em dezembro de 2022 por uma circunstância de trabalho profissional, mas também fins acadêmicos conversei com três especialistas religiosos sobre essas práticas de base afro-indígena. Dois atuam em Iaçú, inclusive José Santana, líder do Centro Preto Velho, e uma em Marcionílio Souza, um município vizinho.

3 Uso este termo para tentar dar conta dos variados entes citados como integrantes do mundo sobrenatural na região, pois eles estão em configurações diversas das que tenho encontrado nas referências clássicas sobretudo sobre o candomblé. Esses encantados são caboclos, orixás, mas também variações de santos católicos. Ouvi, por exemplo, sobre Santa Bárbara da Tiara de Prata. Ao tentar compreender se era possível encaixá-la em uma categoria como caboclo, por exemplo, a liderança religiosa me explicou que um encantado se apresenta

O caruru, nessa investigação inicial, mais do que uma cerimônia de devoção aos santos Cosme e Damião, desempenha função terapêutica, ou seja, pode ser prescrito para resolver a persistência de uma doença ou outro obstáculo para a prosperidade. Nesses casos, a cerimônia é organizada no centro religioso sob a responsabilidade do curador ou curandeira no preparo e no rito para sua distribuição.

A cerimônia que será descrita neste capítulo foi realizada em outubro de 2022 no Centro Preto Velho, localizado na rodovia BA-046, no trecho entre Iaçú e Itaberaba, na localidade conhecida como Duas Irmãs, a cerca de 300 km de Salvador. A comunidade é liderada por José Santana, 91 anos, que se autoidentifica como rezador e curador.

Como muitas das lideranças, Seu José, como também é chamado, ainda em sua juventude adoeceu. Em consulta a vários médicos em Rui Barbosa, Salvador e Cachoeira, não conseguiu solução para o que sentia: uma sensação de fraqueza constante. Resignado, foi consultar um especialista religioso chamado Cândido que lhe deu o diagnóstico de que precisava fazer alguns “trabalhos” e “abrir casa”, ou seja, passar por um tratamento espiritual para depois assumir a função de viabilizar a cura para outras pessoas por meio dos encantados.

Em Iaçú, montou uma venda, nome que se dá a um lugar que oferece gêneros alimentícios e outros produtos para necessidades mais imediatas, como sabão, vela, entre outros. Foi nesse local que montou o quarto de atendimento aos seus clientes. Essa venda foi instalada na Rua Joana Angélica, local em que conheci Seu José ainda menina, embora pouco soubesse da sua atividade religiosa que se mantinha misteriosa, ou era vista com um certo temor pela maioria das moradoras e dos moradores da cidade.

como acha melhor e assim fica à disposição de quem o incorpora podendo retornar outras vezes com a mesma denominação ou não. O que importa, de acordo com essa fonte é a sua disposição para ajudar, especialmente em casos de necessidade de cura. Imagino, portanto, que há subdivisões em relação aos santos católicos, ou seja, “qualidades” para usar um termo mais comum no candomblé sobre as variações nas categorias relacionadas a um mesmo orixá. Mas é algo a partir de informações muito incipientes que necessitam de melhor investigação.

Figura 1 – Seu José Santana, líder do Centro Preto Velho, localizado no limite dos territórios de Iaçú e Itaberaba



Fonte: produzida pela autora.

Mas entre os chamados curadores e curandeiras – em Iaçú, as mulheres sempre estiveram em menor número nessa atividade –, Seu José é um dos mais renomados e apontado como capaz de resolver os problemas mais imediatos de doenças, especialmente a dependência relacionada ao álcool. Até hoje são muitas as histórias, inclusive de pessoas que professam o evangelismo, de ter parentes que foram tratados por ele com sucesso.

Seu José tem Oxum, a senhora das águas doces, como entidade principal de sua cabeça. Mas também incorpora Oxóssi, Obaluaê, o caboclo Boaideiro e São Cosme e São Damião a quem se refere também como “Cosminho”. *“Cosme e Damião vem para trazer alegria e para dar conselhos, avisar sobre as coisas que estão para acontecer. Aliás todos os santos e encantados vêm com essa missão de trazer luz”*, tal como ele afirmou na entrevista realizada em dezembro do ano de 2022.

As festas que acontecem com mais frequência no Centro Preto Velho são em homenagem a Oxum que no ano de 2022 ocorreu em julho. Há também uma oferta do presente⁴ que é colocado para ela no Rio Paraguaçu, assim como para Cosme e Damião, ocasião em que é oferecido o caruru, normalmente referido pelas pessoas como “dar um caruru”.

Figura 2 – Altar no salão do Centro Preto Velho



Fonte: produzida pela autora.

No Centro Preto Velho, não há uma estrutura hierárquica fixa, além da liderança central. Há filhas e filhos de santo e alguns passam por um procedimento que ele chama de batismo, embora não se detalhe como ocorre esse procedimento. O pertencimento costuma ser fluido para a maioria dos frequentadores do centro. Muitos continuam como clientes, mas há

4 “Presente” é um termo que se usa para um rito de oferta com elementos votivos especialmente a Oxum e Iemanjá. Em um balaio, seguem determinados preparados e objetos relacionados a essas divindades e que são depositados nas águas de rios ou do mar.

um núcleo mais constante de membros, em sua maioria mulheres, como pude notar durante a realização do caruru.

Há auxiliares mais diretos que são chamados de ogãs, termo que, diferentemente do candomblé, se aplica a homens e mulheres. Essa configuração em relação à hierarquia é muito parecida ao jarê (Banaggia, 2015). Embora a distância entre Iaqu e Lençóis, esta última a cidade de origem do jarê, seja de cerca de 170 quilômetros, essa denominação não é reivindicada ou presente no discurso das lideranças religiosas locais.

ESPAÇO DE CULTO E ENCONTRO DAS PESSOAS

O Centro Preto Velho dispõe de uma ampla área externa que em construções rurais da região é denominada como “terreiro”. Nesse espaço, tem um pequeno quiosque que, no dia do caruru, foi usado para a venda de bebidas o que entendi como uma forma de obtenção de renda para a comunidade. Nesse espaço também aconteceu o leilão que integrou a programação do caruru.

Figura 3 – Altar com imagens do caboclo Boiadeiro e dos santos Cosme, Damião e Doum



Fotógrafo: Claudio Rodolfo (2021).

Figura 4 – No quadro, tem os elementos da história que foi crucial para comprovar a sabedoria do rei Salomão descrita no Antigo Testamento da Bíblia Cristã



Fonte: produzida pela autora.

A residência de Seu José é vizinha ao que podemos definir como conjunto religioso. Este é formado por um salão central onde acontecem os ritos. Nesse espaço fica o altar principal onde estão distribuídas as imagens de pretos velhos, Santa Bárbara, Oxum, na representação de sereia e santos católicos. À esquerda, em um nicho grande construído com uma espécie de recuo na parede, são encontradas imagens de São Cosme e São Damião com mais de um metro de altura e do caboclo Boiadeiro em tamanho grande. Há outras imagens de Boiadeiro em tamanho menor e apetrechos relacionados a ele, como o laço. No mesmo local, são também encontradas algumas fotografias de Seu José.

Na parede à direita estão alguns quadros. Um que mais me chamou a atenção é o que representa uma passagem do Antigo Testamento sobre o rei Salomão. Ao se ver diante de um caso em que duas mulheres afirmam ser mãe de um mesmo bebê, o rei decide que ele será dividido e uma parte ficará com cada uma. Uma das mulheres diz que está satisfeita enquanto a outra, chorando, diz que prefere que a criança seja entregue à sua oponente do que morta, o que faz o rei deduzir que esta é a verdadeira mãe. A história é para ratificar a fama de sábio atribuída ao rei Salomão⁵. Não havia visto ainda um quadro relacionado a esse personagem bíblico em espaços afro-religiosos, mas Salomão é muitas vezes citado na tradição local como um integrante da celebração de mistérios que não estão ao alcance da maioria das pessoas.

Após o salão, fica mais um anexo onde se encontram outras imagens de santos, inclusive a de Santa Dulce dos Pobres, a primeira brasileira, natural da Bahia, canonizada pela Igreja Católica em 2019. Anexo a este espaço está a capela do Centro Preto Velho.

O CARURU DE SAMBA

A oferta de caruru para São Cosme e São Damião é largamente disseminada em Iaçú, assim como em Salvador e em cidades como Cachoeira⁶. Mas o modelo da região do Piemonte do Paraguaçu é diferente do adotado na capital e em cidades do Recôncavo na forma da cerimônia e na oferta das comidas disponibilizadas.

Uma das diferenças são os alimentos servidos. No modelo soteropolitano e em cidades do Recôncavo, como Cachoeira, o prato é formado pelo caruru, o preparado à base de quiabo que dá nome ao conjunto da comida votiva, mais vatapá, arroz, galinha de xinxim que tem o camarão como

5 A história está no primeiro livro dos Reis, capítulo 3, versículos 16 a 28.

6 Há uma série de estudos sobre o caruru, especialmente o que ocorre em Salvador e em cidades do Recôncavo. Destaco as publicações de Costa Lima (2005) e de Iyanaga (2023). São trabalhos que dão uma dimensão de como o caruru tem protagonismo no âmbito dos cultos de matrizes africanas. Esse texto é uma contribuição sobre a sua presença em outras partes do território do estado.

um dos ingredientes principais; ovo cozido, inhame, batata doce, banana-da-terra frita, farofa de dendê, milho branco, acarajé, abará, feijão preto, feijão fradinho, cana e rapadura e alguns outros alimentos dependendo da tradição seguida. Há quem sirva abóbora, por exemplo. Já outros a evitam em respeito a Iansã que é considerada a mãe dos Ibejis, divindades africanas crianças, e gêmeas, que são associadas a São Cosme e São Damião no encontro com o catolicismo.

Em Iaçú, o caruru é bem mais simples. No prato é servido apenas o caruru, vatapá, arroz e galinha de ensopado. Já tentei entender o porquê dessa diferença, mas ainda não obtive uma pista. O que pessoas que oferecem o caruru me dizem com frequência é que esse é um caruru para “mabaços”. A expressão é utilizada quando os gêmeos não são idênticos, especialmente quando são menina e menino.

Há diferenças também no preparo do caruru, do vatapá e da galinha. No caso dos dois primeiros, a mistura tem farinha de mandioca como ingrediente, um alimento crucial na dieta local. O amendoim, a castanha e o camarão são processados misturados à farinha. No passado, esse preparo era feito no pilão de madeira e hoje muita gente usa o processador elétrico ou mesmo o liquidificador. Já a galinha é cozida sem que se adicione azeite de dendê e camarão seco pilado, como acontece em Salvador.

Lembro-me de uma ocasião quando eu era criança em que o caruru oferecido por uma moradora da minha rua teve o preparo assumido por parentes de Cachoeira que estavam de visita. Foi uma surpresa para nós, as crianças, que comiam primeiro um prato que continha, além dos quatro alimentos que conhecíamos, ovo, farofa, inhame e os outros complementos. O estranhamento foi geral, mas a regra de etiqueta reinante era não comentar sobre a comida, mensagem enviada pelo olhar de censura das nossas mães. Entretanto, quando ficamos sem a vigilância dos adultos, o caruru servido de forma diferente foi o assunto predominante nos nossos comentários.

Nesses carurus que frequentei em Iaçú na minha infância em residências particulares, a estrutura do rito geralmente era a seguinte: ladainha para São Cosme e São Damião; a mesa para os sete meninos montada no chão muito semelhante ao que é feito em Salvador e no Recôncavo Baiano; distribuição em primeiro lugar para as crianças e, em seguida, aos outros convidados.

Quando um convite chegava, lembro da pergunta que costumava ser feita pelos adultos: “É de samba?”. Só mais tarde pude ir compreendendo melhor a diferença. Se o caruru tem samba, significa que depois dos ritos de reza, mesa dos sete meninos e distribuição da comida para as crianças, se fazia uma roda embalada pelo ritmo mais próximo da chula⁷. Os instrumentos utilizados são o pandeiro, viola e, no caso das comunidades religiosas, acompanhados pelos tambores com forma mais arredondada e não cônica na base como ocorre com os atabaques do candomblé. Logo, o espaço é tomado pelos encantados – representados pelos caboclos e aqueles de comportamento infantil, como os erês.

Até participar do caruru no centro liderado por Seu José, as informações que eu tinha vieram dos relatos de amigos e familiares que já havia participado desses eventos, o que só ampliou o meu interesse sobre essa manifestação. Na região, existiam os relatos de carurus famosos. Cheguei a ouvir a expressão: “Vinha gente até de Cachoeira” como referência do sucesso de um caruru oferecido em Queimadinhos, um distrito do município de Marcionílio Souza que fica a cerca de 50 km de Iaçú.

O caruru do Centro de Seu José começou a ser servido sem a ladainha ou outro tipo de reza. Em meio à distribuição dos pratos, em uma sala reservada e anexa ao salão principal, ele atendeu alguns dos convidados para o jogo de búzios.

Duas horas depois da distribuição do caruru, começou o rito. A primeira atividade foi uma reza cantada para Santa Bárbara levada em procissão do salão principal passando pelo interior da casa de Seu José, a partir da cozinha, seguindo pela área externa e capela com retorno para o salão.

Em seguida, começou a oração para Nossa Senhora Aparecida repetindo o mesmo trajeto. As letras e melodias das cantigas são muito parecidas aos benditos entoados pelos romeiros nas viagens para Bom Jesus da Lapa⁸, por exemplo. Essa invocação a Jesus Crucificado ganhou uma homenagem na capela que lhe é consagrada.

7 A chula tem um ritmo mais lento do que o samba de roda, sobretudo, comparado ao tocado na capital. Os principais instrumentos para esse ritmo são a viola e o pandeiro, que são acompanhados pelos participantes da roda por uma ação coordenada de palmas e do bater dos pés.

8 As romarias para Bom Jesus da Lapa são uma tradição em Iaçú e outras cidades da região. Hoje elas têm diminuído. Uma viagem de Iaçú para Bom Jesus da Lapa, localizada no oeste da Bahia, dura cerca de oito horas por rodovia.

No retorno ao salão, Seu José tomou posse de uma viola, outra pessoa pegou um pandeiro e com o acompanhamento dos tambores utilizados nos ritos do centro, formou-se uma procissão embalada por um reisado. A direção foi a sala em anexo ao barracão onde estavam, nesse dia, as imagens de São Cosme e São Damião. Os cânticos para os santos gêmeos foram em ritmo de chula.

No retorno ao salão, o ritmo ficou a cargo dos tambores com todos os participantes em círculo. Seu José foi o primeiro a receber um caboclo. O transe é curto, mas a forma de dança é mais acelerada e em círculos rápidos, diferentemente de como acontece nas festas de caboclo em Salvador. Em seguida, outras pessoas da roda começaram a receber os encantados. Um deles dançou em círculo com movimentos bem acelerados entremeados por saltos até que foi solicitado pelo filho de Seu José, que é curador, mas com casa aberta em Barra, município do oeste baiano, a cantar seu ponto de despedida. O transe terminou com o caboclo jogando-se ao chão e, após uma aspersão com alfavaca, a pessoa que o recebeu recuperou os sentidos e voltou para a roda. Foi feita a pausa para o leilão e para uma retomada do samba mais tarde.

O público do caruru, em sua maioria, foi formado pelos moradores das áreas vizinhas ao centro. Mas havia também moradores da cidade. Também percebi alguns participantes que partilham da mesma prática religiosa, identificados pelo uso de roupa branca e adereços como as contas.

CONEXÕES

O caruru que estou me referindo como de samba, para diferenciar de outros que são realizadas de forma mais constante, especialmente em residências, não é uma prática restrita a Iaçú e municípios vizinhos. Há relatos, inclusive, dos alunos do grupo de pesquisa que coordeno no *campus* XIV da Universidade do Estado da Bahia (UNEB) em Conceição do Coité no Território do Sisal⁹, sobre uma prática muito parecida.

9 Trata-se do grupo de pesquisa em Festa, Memória e Tecnologias da Comunicação (Femtec), criado em outubro de 2019 e sediado no Departamento de Educação (DEDC) - *campus* XIV da UNEB, localizado em Conceição do Coité. Atualmente, a sua composição tem maioria

Em setembro do ano passado, alguns carurus voltaram a ser realizados na zona rural de Conceição do Coité em comunidades religiosas. Um dos participantes do grupo de pesquisa fez contato, mas a liderança religiosa não permitiu registro. Na programação, divulgada para os amigos da comunidade por meio de um *card*, esteve incluído um leilão, o que evidencia mais uma aproximação com o modelo do Centro Preto Velho. Embora ainda não tenha participado de um desses carurus em Coité, as referências feitas pelas pessoas que já estiveram nesses espaços se aproximam do modelo visto em Iaçú, especialmente pela chegada de encantados após o início do samba.

Iaçú e Conceição do Coité se encontram geograficamente distantes, embora compartilhem semelhanças na formação histórica dos seus territórios por conta das chamadas guerras dos sertões. Essa é uma das denominações usadas para a expansão da colonização portuguesa para o interior do território baiano. Em ambos os territórios, algumas práticas culturais, além do caruru, estão presentes, como o forte culto a São Roque e São Lázaro, as festas juninas e de vaqueiros, entre outras.

INTERAÇÕES CULTURAIS

Iaçú é a sede do município que tem João Amaro como distrito. Essa localidade foi uma sesmária doada pela coroa portuguesa a João Amaro Maciel Parente por carta donatária expedida em 1696¹⁰. Paulista, João Amaro,

de alunos do curso de Comunicação Social (Rádio e TV). O Femtec integra as minhas atividades como professora visitante no *campus* XIV, no qual desenvolvo um projeto de pesquisa sobre as festas de Conceição do Coité, inclusive o ciclo de carurus.

- ¹⁰ Na década de 1970, Iaçú viveu uma série de conflitos entre produtores rurais e os herdeiros do coronel Justiniano de Moura Medrado. Os trabalhadores foram intimados a deixar a propriedade da família que consistia em terras que totalizavam o território do município de Iaçú. Houve resistência que desencadeou uma série de conflitos até que 16 mil hectares foram desapropriados para fins de reforma agrária, embora a titulação não tenha sido concluída. Essa história foi relatada por mim em *Os caminhos da Água Grande*, um livro-reportagem derivado do meu trabalho de final de curso de Jornalismo na Faculdade de Comunicação (Facom) da Universidade Federal da Bahia (UFBA), publicado em 1998. Nas apurações para essa reportagem, conheci o trabalho de Valdemar Ferraro. Procurador da família Magalhães que reivindicava parte das terras onde está o município de Iaçú em uma demanda com os Medrado, Seu Ferraro reuniu diversos documentos, inclusive

assim como seu pai, outro sertanista, Estevão Ribeiro Bayão Parente, foi contratado para conter a resistência indígena nos sertões, expressão usada para as terras que estavam distantes do litoral.

João Amaro integrou uma companhia especializada na conquista de terras no interior do Rio Grande do Norte e Bahia. Ele reivindicou à coroa portuguesa as terras que afirmava ser direito por herança do seu pai na área do Paraguaçu em pagamento de serviços prestados à coroa portuguesa. De acordo com a carta enviada por ele ao rei de Portugal, o seu pai chegou a construir uma capela em homenagem a Santo Antônio, igreja que hoje é o principal templo católico do distrito de João Amaro e que foi reconhecida como patrimônio da Bahia pelo Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia (IPAC). Em 1707, João Amaro vendeu a propriedade denominada como “fazenda de criar gado”, iniciando uma complicada cadeia sucessória das terras que formam o território do município de Iaçú.

A localidade, que ficou com o nome do sertanista, proprietário da sesmaria, se tornou uma importante vila e com conexões muito fortes com Cachoeira, possivelmente para o abastecimento de carne e couro por meio das tropas de burros. Neste trecho do Rio Paraguaçu não foi encontrado ouro ou diamantes optando-se, portanto, pela atividade pecuária. A ligação com o Recôncavo estabeleceu-se por meio do Paraguaçu.

o pedido de João Amaro para ficar com as terras prometidas a seu pai e a consequente doação da coroa portuguesa do que formou a sesmaria do hoje distrito de Iaçú. Essa documentação foi adquirida no acervo da Torre Tombo, em Portugal. A coleção organizada por Ferraro tem informações sobre a propriedade das terras do município de Iaçú até meados do século XIX. O acervo atualmente encontra-se sob a guarda da família de Valdemar Ferraro.

Figura 5 – Rio Paraguaçu da integração baiana e que atravessa três diferentes ecossistemas: Cerrado, Caatinga e Mata Atlântica



Fotógrafo: Claudio Rodolfo (2021).

O rio que é considerado o principal manancial do estado com cerca de 600 km de extensão e que abastece cerca de 80 municípios nasce em Morro do Ouro, na Serra do Cocal, em Barra da Estiva. De lá vai recebendo seus principais tributários, como o rio Santo Antônio, passando por Mucugê, Andaraí e prossegue em direção ao médio Paraguaçu, formado por regiões como Iaçú, Itaetê, Marcionílio Souza, entre outras localidades, para encontrar o caminho até o Recôncavo onde está a sua foz em Barra do Paraguaçu, município de Salinas da Margarida.

Em outra direção, Iaçú está próximo de Lençóis onde ocorreu, no século XIX, a corrida dos diamantes. O garimpo atraiu para a região gente de várias partes do Brasil, o que deu origem, por exemplo, ao jarê, como abordam os trabalhos de Ronaldo Senna e Itamar Aguiar (1980), Ronaldo Senna (1998, 2001) e, mais recentemente, os de Gabriel Banaggia (2015).

No caso de João Amaro, as heranças culturais tanto indígenas quanto africanas estiveram em contato por causa das já mencionadas guerras de conquista dos sertões. Um documento do acervo reunido por Valdemar Ferraro, que aborda uma partilha de pessoas escravizadas em 1831, por um dos proprietários das terras, Francisco José Simplício, com sua mulher Anna Josefa do Espírito Santo, atesta a presença de escravizados com apelidos

como Maria Nagô, Domingos Angola e Benedito Jeje, ou seja, representantes dos três grupos culturais africanos cruciais na formação cultural baiana. Os registros dessa documentação foram feitos em Cachoeira.

Em 1865, foi autorizada a construção da linha férrea Cachoeira-Chapada Diamantina. João Amaro recebeu um dos primeiros ramais a ponto de, em 15 de outubro de 1883, ter sido inaugurada a Estação Ferroviária:

Apresenta planta em ‘T’, único exemplar encontrado na região em estudo. Sua volumetria indica a importância que a localidade de João Amaro representava para a região, onde a grande maioria das estações é de pequeno porte. Estilisticamente existe uma predominância de elementos neoclássicos, platibanda com frontão, arcos plenos, etc., não desprezando, porém, um elemento comum nas estações da área que é o telhado em duas águas e seus beirais sustentados por mão francesa¹¹.

Mas a localidade, então, chamada Sítio Novo, que mais tarde se tornaria Iaçú, e uma parte das vastas propriedades da família Medrado estava mais bem localizada por conta da proximidade do Rio Paraguaçu, em um trecho em que era possível fazer a travessia de mercadorias vindas de Itaberaba e Rui Barbosa por meio de balsas chamadas de *ajojo*. Com a extensão da instalação da estrada de ferro, formou-se um povoado onde os viajantes faziam pausa para descansar e tropeiros embarcavam as mercadorias. Essa localidade, em 1958, foi escolhida para se tornar a nova sede do município criado por interesses políticos da família Medrado, e João Amaro tornou-se um dos seus distritos em conjunto com Lajedo Alto e Faustino. O município de Iaçú, atualmente, tem cerca de 20 mil habitantes para um território extenso: 2.342,497 km².

Essa ligação com Cachoeira sempre foi mais intensa do que com a capital da Bahia, Salvador. O que foi ligação por meio do Paraguaçu continuou com o caminho das tropas de burros para circulação de mercadorias e com a chegada da ferrovia. O trânsito constante de trabalhadores das empresas que administraram o sistema ferroviário conectou Iaçú a cidades como Cachoeira, São Félix, Nazaré das Farinhas, Alagoinhas, entre outras. Parte da

¹¹ Inventário do Acervo Cultural da Bahia- Monumentos da Região Pastoril do Estado da Bahia, v. VII, IPAC.

minha família materna, por exemplo, passou a ter ligação com Cachoeira e São Félix após a transferência de dois dos meus tios avôs para a unidade da ferrovia nessas cidades. Foi por conta dessas mudanças que acabei nascendo em Cachoeira, pois o hospital local passou a ser uma referência devido à rede familiar estabelecida. O mesmo aconteceu com outras pessoas, inclusive especialistas religiosos. Em uma das entrevistas realizada com uma delas, uma pessoa de Cachoeira teve envolvimento direto no processo de sua iniciação.

Outro elemento interessante para o contexto local foi o fluxo de pessoas vindas para Lençóis por conta do garimpo. Para mim, esse acontecimento trouxe, para a região da Chapada Diamantina e adjacências, a experiência de práticas que dialogam com outras regiões, como Minas Gerais. Embora em menor número do que no passado, há manifestações como as festas para o Divino Espírito Santo, sobretudo nas áreas rurais, para Santo Antônio, que é o padroeiro de João Amaro, e São Benedito. Já houve, em outros tempos, mas atualmente não encontrei ocorrência, a realização de marujadas.

Ouvi também sobre um curandeiro vindo de Santo Amaro, de prenome Amerentino. Este construiu, desde a década de 1940, uma reputação de excelência para processos de cura. Com residência em Queimadinhos, distrito de Marcionílio Souza, sua rede de atendimento expandia-se até Iaçu.

Embora Seu José, por exemplo, em alguns momentos se autodefinia como alguém de umbanda, situar-se em uma dessas categorias mais usadas nas etnografias clássicas não parece ser uma preocupação desses especialistas religiosos mais antigos. Suas práticas, inclusive, aproximam-se muito do modelo conhecido como “calundu”¹² que é profundamente relacionado à cura de doenças, sem a necessidade de um pertencimento rígido ou constante a uma comunidade religiosa.

A oferta do caruru ocupa um lugar central nesses procedimentos. Esse é um dos ritos que mais se repetem nas comunidades da região, como pude observar em entrevista com mais duas lideranças religiosas. O culto a São

12 O calundu é uma prática estabelecida como anterior ao candomblé. Ele tinha uma estrutura mais flexível, com pertencimento fluido e tinha ritos voltados para a cura de problemas de saúde. Era o ambiente dos especialistas oriundos especialmente da região de Angola e parte do Congo, de onde vieram, principalmente para a Bahia, os escravizados no primeiro ciclo. O antropólogo Renato da Silveira tem artigos sobre aspectos do calundu, como no texto “Do calundu ao candomblé”, publicado no *Dossiê África Reinventada - Revista de História da Biblioteca Nacional* (2005).

Cosme e São Damião, mesmo em casas particulares, na maioria dos casos, origina-se em uma promessa relacionada à busca de algum tipo de cura para um problema físico. Há também a ocorrência de uma obrigação para quem tem filhos gêmeos ou mabaços.

Como pontuei no início deste texto, essas são, ainda, observações muito iniciais e pontuais, mas que pretendo ampliar, pois ainda são muito incipientes as pesquisas sobre essas manifestações de base afro-indígena no interior baiano. Vale também considerar com quais regiões essas ligações são estabelecidas e em que medida são continuadas ou abandonadas. Atualmente, por exemplo, tenho observado já em Iaçú a procura, especialmente de religiosos mais jovens, em se conectar ao candomblé por meio das suas categorias clássicas definindo-se não apenas por essa religião, como também pelo pertencimento às nações Angola e Ketu, especialmente. Será de grande importância, a meu ver, situar nestas novas organizações qual o lugar que o caruru pode estar ocupando.

REFERÊNCIAS

- BANAGGIA, Gabriel. *As forças do jarê: religião de matriz africana da Chapada Diamantina*. Rio de Janeiro: Garamond, 2015.
- COSTA LIMA, Vivaldo da. *Cosme e Damião: o culto aos santos gêmeos no Brasil e na África*. Salvador: Corrupio, 2005.
- IYANAGA, Michael. “Os santos de uma devoção que não morre”: as festividades dos santos Cosme e Damião na Bahia, 1864-1955. *Afro-Ásia*, Salvador, n. 68, p. 406-453, 2023.
- PARÉS, Nicolau. *A formação do candomblé: história e ritual da nação Jeje na Bahia*, 3. ed. rev. e ampl. Campinas, SP: Ed. UNICAMP, 2018
- RAMOS, Cleidiana. *Os caminhos da água grande*. Salvador: EGBA, 1998.
- SILVEIRA, Renato da. Do Calundu ao candomblé. *Dossiê África Reiventada - Revista de História da Biblioteca Nacional*, Rio de Janeiro, ano 1, n. 6, dez. 2005. Disponível em: <http://www.revistadehistoria.com.br/secao/capa/do-calundu-ao-candomble>. Acesso em: 15 fev. 2023.
- SILVEIRA, Renato da. *o candomblé da Barroquinha: processo de constituição do primeiro terreiro baiano de keto*. 2. ed. Salvador: Edições Maianga, 2006.

SENNA, Ronaldo; AGUIAR, Itamar. Jarê: instalação africana na Chapada Diamantina. *Afro-Ásia*, Salvador, n. 13, p. 75-85, 1980.

SENNA, Ronaldo de Salles. *Jarê, a religião da Chapada Diamantina*: encantaria brasileira. Rio de Janeiro: Pallas, 2001.

SENNA, Ronaldo de Salles. *Jarê-uma face do candomblé*: manifestação religiosa na Chapada Diamantina. Feira de Santana: Ed. UEFS, 1998.

OUTRAS FONTES

Certidão do acervo da Cadeia Sucessória de Terras do Município de Iaçú- Acervo pessoal de Valdemar Ferraro sob a posse de seus herdeiros.

Inventário do Acervo Cultural da Bahia- Monumentos da Região Pastoril do Estado da Bahia, v. VII, IPAC.